

INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com os Xikrin do Cateti foi em dezembro de 1969. Naquela época os índios estavam ainda se recuperando de uma "paupificação" devastadora, ocorrida no Post Las Casas em 1952 e de um contato indiscriminado com os regionais (castanhais, caçadores de gado e vegetais) às margens do Rio Itaipu, em 1963, quando viviam na aldeia da Boca. Em um ano perderam, por causa de doenças, um terço de sua população. De volta a sua aldeia de origem, no Cateti, em 1964, a população estava reduzida a 100 indivíduos, sendo que alguns índios estavam trabalhando fora da aldeia, nos castanhais ou fazendas vizinhas.

Desde então, devido ao trabalho assistencial do Padre José Caron e a partir de 1973 do Posto da Funai, pode-se considerar que houve uma lenta mas contínua recuperação do grupo, contando, atualmente, com uma aldeia de 21 casas de famílias extensas, abrigando um total de 302 pessoas, das quais 19 são provenientes de outras aldeias kayapó ( Borotire (3) e Bacajá (16)). Tenho acompanhado regularmente a vida do grupo Xikrin do Cateti e desde 1982 viago pelo menos uma vez, senão duas vezes, por ano, para a aldeia. Em 1985 e 86 visitei também a reserva Xikrin do Bacajá.

A vida dos Xikrin e as mudanças ocorridas ao longo destes anos estão registradas sob diversas formas ( livros, artigos e relatos, inclusive vídeos, mas não publicados, cartas e documentos.)

Em 1978, o território Xikrin foi demarcado, mas em seguida houve, ao longo do limite sul, problemas de invasões, sendo a mais grave a da fazenda Grã Peatã, cujo processo, movido pela Funai, ainda está tramitando na Justiça Federal.

Pode-se dizer que a recuperação do grupo foi essencialmente de 470 endógenos, com o apoio do Padre Dominicano, do Comitê de Apoio ao Xikun e essencialmente da FUNAI. As vias de acesso à aldeia eram apenas por via fluvial, durante 3 meses ao ano, e por via aérea, em pequena aeronave fretada desde Marabá. Para os índios, o contato se reduziu a alguma viagem a Marabá, ou as vezes Belém, por razões de saúde, ou na época da venda da safra de castanha.

Os índios viviam em uma aldeia, cercada de suas roças. Nas partes do ano, também perambulavam, percorrendo o seu território, durante dias, semanas e mesmo meses na época da seca, de junho a agosto, se alimentando exclusivamente dos produtos do mato.

Atualmente a vida dos índios acabou. Os homens, sozinhos, se deslocam no mato para as expedições de caça e coleta, mais longas. As roças são maiores e as atividades agrícolas mais diversificadas.

A partir de 1978-80, época da construção da Rodovia 279 que liga a bacia do Araguaia a do Xingú, e que passa ao sul da Reserva, os índios, mesmo que de forma muito esporádica, entram em contato com as frentes de expansão na região sudeste do Pará. Em 1976-77, foi realizada uma pesquisa mineralógica, no limite oeste, sob o controle da FUNAI e com assessoria antropológica.

Nas décadas de 1980-82 que os Xikun começaram, e por iniciativa própria, a desenvolver um contato maior com os diferentes elementos de uma nova sociedade que se instalava na região, mudando de maneira bastante rápida o aspecto físico e social daquela área.

Os principais agentes da sociedade envolvente são:

- 1) o Projeto Forno-Cavagás, a nordeste da Reserva

2) No sul, a implantação do Projeto Tucumã que através da abertura da PA 279, propiciou a implantação de fazendas de gado e serrarias, na região, assim como diversos povoados ao longo de seu percurso. A partir de 1982, a cidade de Tucumã, planejada para ser o centro urbano de um projeto de colonização modelo, se transforma rapidamente em uma cidade aberta de tipo fronteira, devido à abertura de numerosos garimpos de ouro na região (Serra Pelada, Lumar e Rio Branco) e a extração maciça de madeira. Os índios Bororo, e especialmente os da aldeia Kikretim estavam envolvidos nas atividades de garimpo em seu território, através do recebimento de royalties sobre a produção dos garimpos. Com parte destes recursos o chefe Pombo, iniciou, através de visitas frequentes ao Cateté, contatos diretos com os Xikrin, incentivando-os a trabalhar no garimpo e a abrir a Reserva a garimpeiros de Tucumã. Desde então, os deslocamentos dos índios, especialmente jovens, tem sido cada vez mais frequentes. Tanto assim que este último ano, em 1985, deixavam de frequentar Cavajás, optando pelo eixo sul: Redenção - Tucumã e a fazenda Grã Reati retomada em dezembro de 1985. Os índios são continuamente procurados por madeireiros e garimpeiros interessados em negociar com eles. Também viajam com maior frequência para Marabá onde se encontra a sede da Agência da Funai.

Em 1982 inicia o Projeto de Apoio às Comunidades Indígenas na área do Projeto Fero - Cavajás, através de um convenio assinado entre a CVRD e Funai. Para os Xikrin as melhorias a nível de assistência se resumem a um maior empenho para resolver na justiça o caso da Grã Reati, a construção de uma enfermaria e a contratação de uma enfermeira. Ainda na área de saúde, um convenio com o hospital

portal de Langajá e com a Ume em Marabá assim como a visita periódica da EUS do Projeto, com sede em Marabá e que inclui médico, dentista e laboratorista. Remessa regular de remédios e venenos em caso de emergência. Permite a compra de equipamentos. Foi como um barco a motor de 3 toneladas, voadoras e canoas, placa solar. A alocação de recursos mensais para a manutenção que inclui vários itens necessários para o desempenho das atividades cotidianas, tais como combustível, ferramentas, mercadorias básicas como sal, sabão, fósforos etc. e serviços de terceiros.

Para a sua sobrevivência, porém, os índios dependem exclusivamente de suas atividades tradicionais de agricultura, caça, pesca e coleta e da comercialização anual da safra de castanha do Pará, cuja venda lhes permite a compra de itens industrializados como roupas, cobertores e redes, utensílios domésticos, malas e às vezes rádios e gravadores.

Do ponto de vista da comunicação, os índios em RPP começaram a usar, por conta própria, o rádio do Pólo Indígena, se comunicando com outras aldeias Kayapó ou da região. Os índios podem se deslocar, atualmente, de barco, até a Caldeiras, a beira do rio Itacainhas e a umas 5 horas apenas de voadora da aldeia. De lá sobem de carro até Carajás e podem seguir de ônibus para Marabá - Isto permite uma certa autonomia de locomoção.

Uma coisa, porém, ainda não havia atingido a aldeia: a possibilidade de ganhar, e por iniciativa própria, através de atividades extra-tras, grandes quantidades de dinheiro.

- A Ruptura da Tutela, A Reconstrução da Nação Kagapo e a Destruição dos Territórios Tradicionais.
- Autonomia e extirpados
- Aço a liberdade se paga com ouro e moedas
- A eufórica desconsciência do ser kagapo -

## A Chegada

Janeiro de 1986 - São Paulo - Belém - Carajás - Cateí.  
O percurso já é parte de minha rotina. Desta vez, por um algo mudou. Dem logo para perceber, na descida do helicóptero. Rep. Mare me recebe eufórico: "Vamos vender madeira, vamos ter o nosso dinheiro, dinheiro só de nós mesmos" - "Olha, Lux, bocas do pessoal está lá na Fazenda, no fim pegamos e o Landelino botamos a correr" - "O Brat e mais dois estão em Tucumã, mas logo voltam" -  
No Posto uma acolhida gentil e um certo silêncio de chegada.

"Tudo Bem?"

"Tudo Bem, depois a gente conversa"

Em pouco tempo ouço a aterragem e decolagem de duas aeronaves. Ninguém chega até o Posto. Pergunto:

"O que é?" - O Chefe de Posto lacônico:

"Agora é assim todos os dias, eu já estou com diarreia, não param de voar; já perdi a conta"

O Posto está bonito, pela primeira vez. De forma redonda, a aldeia dos brancos, gentim, paradossalmente a sua autonomia. A enfermaria acabada, a sua do poço e encanada, a casa da farinha, a placa solar. Na praça os caqueiros espalham sombra. A antiga cozinha de madeira e palha, ninguém desista, é um lugar fresco para comer e bom para conversar nas horas mais quentes do dia. O Chefe de Posto esquento o almoço no fogo a lenha. Ele gosta das coisas limpas e arrumadas. Arroz, feijão e carne

com família. Sempre foi assim. Tem umas folhas colhidas na sua horta. É a única novidade. Robert é técnico agrícola. O seu pai tinha um comércio de Secos e Molhados, em São Paulo. Deixou tudo e foi para Altamira e lá comprou uma fazenda. Robert tem 29 anos. Cinco anos atrás, entrou na Funai e após um estágio em Assurini do Tocantins, onde o conheci em 1980, veio para o Catete.

Depois irrei a aldeia.

Primeiro passo, do lado de cá da pista de posse, na casa do chefe Benoti e Uliok-pi, meus pais. Este parentesco ficou do tempo de minha pesquisa. Sei que as coisas mudaram. Calma, não estou com pressa, venho de saber e ainda meus julgar. Sempre forte, descobrir, desvendar, por etapas. Vou andando pela mata, é como se fossem fírias. Respira-se fundo.

Bep. karoti, filho de Benoti, me trata com ~~muita~~ familiaridade e me leva até o seu quart. São segredos entre irmãos. Encima da cama uma pasta de executivo. Uma vez aberta com cuidado, exhibe-me, com cuidado, as suas novas aquisições: uma caneta bic, um caderno, um pacote de cigarros, uma máquina fotográfica e um belo revolver.

"Deve custar caro?"

"Sete mil reais"

Algumas fotografias coloridas reveladas em Tucumã. Numa delas apareceu o fazendeiro da Grã Reata. Há dez anos que lutamos para reaver a fazenda. Nunca tinha visto a cara do Landelino Hamann. É um homem baixinho, gordo, de chapéu e segurando uma pasta de executivo.

"Me dá esta foto?"

"Pode pegar"

Ainda, na pasta, dobradinhas umas fotos de

diubens.

"Luz, conte quanto que tem"

"Tem quatro mil reais, cuidado não perder"

"É meu, eu quero é tirar os meus documentos e abrir uma conta para mim na Caixa Econômica; o Ferreira (Chefe de Arredação) me disse: 'Mas faça do rapaz, o dinheiro é da comunidade' mas eu quero o meu dinheiro em meu nome, em separado".

A Aldeia